

## **Adolescência e o deslocamento do campo discursivo: Impasses e implicações para os processos de subjetivação contemporâneos.**

### **Adolescence and the displacement of the discursive field: Impasses and implications for the processes of contemporary subjectification**

*Leonardo Jose B. Danziato<sup>1</sup>  
Mayara Pinho de Carvalho<sup>2</sup>  
Higor Sousa Paiva<sup>3</sup>*

#### **Resumo:**

A mudança de “mestre”, presente no discurso contemporâneo, legitimada por uma horizontalidade generalizada e por uma insuficiência dos referenciais simbólicos, nos convoca a pensar sobre as implicações desse deslocamento para a sustentação do laço social e no modo como os processos de subjetivação vem acontecendo nos sujeitos contemporâneos, em especial nos adolescentes. Podemos observar os efeitos desta modificação, no posicionamento em que o sujeito toma perante a partilha dos sexos e como este vem experimentando sua sexuação. Diante disso, indagamos o lugar, a função e a importância que os referenciais simbólicos vêm tomando na cena contemporânea para os processos de subjetivação.

**Palavras Chave:** Adolescência, Contemporaneidade, Simbólico, Subjetivação.

**Abstract:** The “master” change, present in the contemporary discourse, legitimized by a generalized horizontality and by an insufficiency of symbolic references, summons us to think about the implications of this displacement for sustaining the social bond and in the way the processes of subjectification are taking place among contemporary subjects, especially in adolescents. We can observe the effects of this modification, in the positioning which the subject takes before the sharing of the sexes and how he has been experiencing his sexuation. Ahead of this, we inquire the position, the function and importance that the symbolic references are assuming in the contemporary scene for processes of subjectification.

**Keywords:** Adolescence, Contemporaneity, Symbolic, Subjectification.

O presente trabalho tem por intenção discutir os possíveis efeitos discursivos contemporâneos na forma de subjetivação dos adolescentes. Para tanto, partimos da discussão aberta por Lebrun (2008), e que diz respeito às reconfigurações das práticas e discursos efetivadas pela crise da civilização ocidental, afetando uma normatividade que, até então,

---

<sup>1</sup> Psicanalista; Doutor em Sociologia pela UFC; Professor do PPGPSI na UNIFOR. Endereço: Universidade de Fortaleza (UNIFOR) PPGPSI, Sala N-13. E-mail: [leonardodanziato@unifor.br](mailto:leonardodanziato@unifor.br)

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia na Universidade de Fortaleza - UNIFOR. E-mail: [mayara.pinho@hotmail.com](mailto:mayara.pinho@hotmail.com)

<sup>3</sup> Graduando em Psicologia na Universidade de Fortaleza – UNIFOR. E-mail: [higorhsp@gmail.com](mailto:higorhsp@gmail.com)

balizava-se numa referência à transcendência, e que sustentava um funcionamento social hierárquico.

Para este autor (Lebrun, 2008) a vida coletiva sendo organizada a partir da presença legítima de um lugar de exterioridade, marca as posições diferenciadas na cultura. O lugar de exceção transmite a necessidade de se fazer aceitar o menos-de-gozar necessário à humanização, pois o Outro só possui existência lógica pela própria organização da linguagem. Mesmo que a figura representacional seja deposta, a referência a um outro para a inscrição da linguagem faz-se necessária. A linguagem, por seu aspecto estrutural, não é democrática, mas dissimétrica, inscrita na alteridade, hierarquia que resulta da diferença de lugares instaurada pela fala. Para que a linguagem continue a manter seu status simbólico, é necessário que se refira a uma exceção, que regulamente a estrutura, pois “não podemos deixar um sistema incompleto e consistente, ainda que seja preciso reconhecer que a existência de outro sistema é uma possibilidade lógica” (Lebrun, 2008, p. 121).

Então, se na modernidade a cultura se organizava pela legitimação de uma hierarquia social estável, o deslocamento para o discurso contemporâneo pode conduzir a um enfraquecimento tanto da transcendência transcendente quanto da transcendência imanente. Segundo a leitura de Lebrun (2008) o regime contemporâneo desautoriza o laço social regulamentado pela religião, de forma que a crise do modelo teológico concomitante à crise da legitimação da autoridade inaugura um tempo da falência paterna, resultando numa horizontalidade generalizada, sem negatividade e sem limite ao gozo (Safatle, 2008). A substituição da ordem religiosa pela discursividade científica produz múltiplas referências descentralizadas do poder uno, o que torna difícil a legitimação da autoridade paterna.

Sendo assim, pode-se pensar que a passagem do discurso do mestre para o capitalista implica uma modificação no campo discursivo e em seus efeitos de subjetivação (Lacan, 1992). O mestre impõe limites entre o simbólico e o real, pois inaugura a condição humana na linguagem pela instauração da Lei, retirando a ordem dominante da violência, pelo balizamento da castração. Apesar da impossibilidade de controle e dominação do gozo, estabelece o lugar dos outros significantes pela entrada no campo do outro, legitimando o saber-fazer, para que obtenha uma parcela de recuperação de gozo perdido. O lugar de maestria determina, então, que um significante venha ocupar um lugar de dominância na cultura, na impossibilidade de tudo governar. É organizador das relações sociais, pois o tipo de saber produzido dá-se na articulação dos significantes que representa o sujeito (Bueno, 2011). O mestre moderno, aspirante das verdades universais, vê-se diante da impossibilidade de totalização de seu conhecimento através dos limites do saber, sobrando o resto não apreendido. Por isso mesmo, entendemos que “as funções de maestria e a função paterna devem ser pensadas a partir das configurações discursivas – topológicas estabelecidas por um dado momento histórico e político, entre o saber, a verdade e o gozo” (Danziato, 2006, p. 203).

Como nos ensina Lacan (1968-69/2008) a virada no discurso moderno desloca a regulamentação social regida pelo mestre para o universitário e o capitalista. Os efeitos dessa “mudança de mestre” são que, com a lógica capitalista oferta-se a possibilidade de uma “recuperação do mais-gozar” (Lacan, 1968-69/2008). Esse acréscimo de gozo passa a ser contabilizado e recuperado, interferindo assim na economia psíquica do sujeito, pois a “intermediação do saber vai comandar o mais-gozar no lugar da produção” (Souza, 2003, p. 64). O discurso universitário, por sua vez, abstém-se do comprometimento com a ordem social, posicionando-se no lugar de observador, como “servidor do povo”. Se antes as identificações simbólicas tinham por consequência a privação do gozo, no regime contemporâneo o que se apresenta são os efeitos deste oferecimento de contabilização e recuperação do mais-gozar, na forma de consumo dos objetos-gadgets.

O valor de uso dos gadgets não se resume à sua utilidade, ele cede seu lugar ao valor de gozo, este é o álbi de seu valor de troca, o “tira-gosto” da necessidade, é deste que o sujeito dispõe (Antelo, 2008). E o hiato “que vai da organização das necessidades à organização dos desejos é o território que o gadget coloniza e onde o capital se nutre” (Antelo, 2008, p. 02). O discurso do capitalista, portanto, faz uma torção no modo como o significante-mestre lida com a mais-valia. O sujeito é retirado da posição de produção da verdade, delegando-o ao capitalista. Dirigindo-se a um saber de mercado, o gozo aparece em forma de consumo, o objeto-mercadoria (Castro, 2009).

As reconfigurações na sociedade contemporânea, portanto, deslocam a economia libidinal como consequência do campo discursivo. Se na sociedade disciplinar moderna, o poder subjetivava a partir do “dispositivo da sexualidade” (Foucault, 1988), na contemporaneidade os dispositivos emergem produzindo, como diz Agamben (2009), efeitos de “dessubjetivação”. Diz ele: “O que define os dispositivos com os quais temos que lidar na atual fase do capitalismo é que estes não agem mais tanto pela produção de um sujeito quanto por meio de processos que podemos chamar dessubjetivação” (p.47). Seguindo esse entendimento dos dispositivos contemporâneos Danziato (2010) interroga a atualidade do dispositivo de sexualidade, considerando a possibilidade de estarmos passando por uma nova “substituição”, mesmo que não completa - como propunha Foucault (1988) - de um dispositivo da sexualidade para o que denomina de um “dispositivo de gozo” (Danziato, 2010).

A convocação que implicava o sujeito na identificação, com “tipos ideias” (Lacan, 1958/1998), construídas a partir de identidades fixas, que exigia uma relação entre identidade e respaldo social, vê-se desfalecer diante de uma crise de legitimidade, que sustenta identificações irônicas, sujeitos ao imperativo de gozo (Safatle, 2008).

### **Impasses e Implicações de um deslocamento no campo discursivo**

Parece que o discurso dominante, regente dos vínculos sociais contemporâneos, posiciona o sujeito numa condição materna propiciando uma certa reivindicação de um “direito ao gozo” (Zizěk, 2008), tendo sua manifestação, como por exemplo, nas múltiplas formas de sexualidade e na plasticidade em que o sujeito pode experienciar estas identidades “sexuadas”. Sendo estes ensaios feitos sem ancoragem ao real do corpo, bastando mudar as elaborações feitas em relação ao sexo que a possibilidade de uma igualdade democrática será alcançada. Um sujeito não-identificado é capaz de múltiplas identidades, regidos pelo modo plástico do gozo.

Essa forma de subjetivação implica impasses, já que do ponto de vista estrutural psicanalítico, o sujeito é balizado no discurso do Outro pela função fálica e pelo significante Nome-do-pai (Lacan, 1999). A constituição do sujeito exige, no campo da linguagem, a escolha na partilha dos sexos, “isto porque o *infans* sofre os efeitos do discurso e do desejo do outro, que vem encravado de significantes narcisicamente escolhidos, mas que já estão abalizados pela diferença sexual” (Danziato, 2009).

A dimensão simbólica, exigência para a condição humana, tem como circunstância indispensável para a introdução do sujeito na linguagem a articulação dos significantes: Nome-do-pai e o falo. Ao posicionar o falo como significante, a metáfora paterna instaura o registro simbólico, mediada pelas possibilidades dialéticas, em sua relação com a alteridade e os limites do eu. “É a condição necessária à inscrição do falo no lugar do Outro, que não diria absoluta, que o Nome do Pai se substitua ao desejo da mãe” (Clastres, 1990, p. 50). A castração paterna livra o sujeito da condição objetual materna, para elevá-lo ao status desejante de sujeito, o posicionando no lugar da enunciação. A função paterna barra o gozo experimentado antes do domínio da fala, passagem para o simbólico, que limita o período pré-edípico.

A inscrição da metáfora paterna desloca a criança de uma condição objetal para ascensão à dimensão simbólica, compondo um novo sentido através do escambo de um significante por outro. Passagem necessária para que o falo se inscreva no Outro, pois “se torna significante que serve de referência ao sujeito” (Clastres, 1990, p. 46). A simbolização, então, depende da mãe inscrita na ordem simbólica, pois ela aponta a castração, para a criança, na forma dialética presença e ausência. O pai, tomado como exceção, “faz a mediação entre a criança e o desejo da mãe, e funda a posição privilegiada do falo no registro imaginário como significado das idas e vindas da mãe” (Lopes, 2011, p. 104).

O campo do significante é organizado pela diferença sexual, sendo o falo o significante que inscreve esta diferença para ambos os sexos. Assim a castração ordena a cadeia e opera a significação fálica, o que permite a inserção na partilha dos sexos localizando o sujeito como desejante no laço social (Lopes, 2011). A consequência dos efeitos desta partilha é o que separa e institui a diferença entre homens e mulheres, como significantes que ocupam lugares distintos.

É o Nome-do-Pai que vai sustentar a ordem significante, ficando ao falo a incumbência de reunir todos os significados sob o amparo do desejo. “Essa resposta interpreta o desejo no campo da linguagem e recobre a ausência de saber sobre o sexo” (Lopes, 2011, p. 106). Se, na sexualidade masculina, a exceção do pai universaliza a castração, no caso das mulheres, não há nenhum universal. A materialidade real da diferença anatômica pode localizar o campo dos significantes, o que não quer dizer que isso aconteça. Afinal, é necessário que o campo discursivo legitime o que é da dimensão real, pois o outro posiciona o indivíduo na partilha dos sexos. Por ter uma instância real, há um limite nas relações entre os significantes:

A sexuação é uma exigência feita ao aparelho psíquico em consequência de suas relações com o corpo. Esse trabalho psíquico é a elaboração do inconsciente. Neste sentido, a anatomia não é propriamente o destino, mas o fundamento da sexuação. O que haveria de mais real (Zucchi & Santos, 2006, p. 121).

Assim, o falo e o Nome-do-pai, que fazem parte da ordem simbólica e da metáfora paterna, estão ancorados no real do corpo, como uma “escritura” exigida pelo seu caráter pulsional. Ao que parece, na cena contemporânea, a idéia simbólica de metáfora paterna sozinha encontra-se insuficiente para responder aos impasses da inscrição na partilha dos sexos e da construção de um saber sobre o real do sexo. Se levarmos em consideração os efeitos advindos do deslocamento no campo discursivo, podemos observar algumas modificações, tanto nos processos de subjetivação contemporâneos quanto no modo como o sujeito vem se posicionando perante a diferença sexual.

Diante disso se faz necessário indagar o lugar que o falo vem ocupando na contemporaneidade e a ocorrência de um deslocamento não só do seu lugar, como de sua função e importância, e como esta mudança reverbera no modo como o laço social está se configurando.

### **Adolescência e a cena contemporânea**

Portanto, diante dessas discussões, pode-se pensar que na contemporaneidade o lugar de exceção imanentiza-se, sobrando identificações imaginárias assimétricas (Lebrun, 2008). A figura do adolescente, no cenário contemporâneo, demonstra os efeitos subjetivos na transformação dos referenciais simbólicos e imaginários, pois trata-se das exigências sociais que repercutem no modo como o sujeito se implica no laço social. O real pubertário, antes operado pelos rituais de passagem, é experimentado nos processos psíquicos caracterizados como passagem adolescente, sintoma social. Pois o “ideal cultural da adolescência nos faz pensar, efetivamente, num sintoma social típico da contemporaneidade, articulado à pulverização das referências simbólicas a serem transmitidas e compartilhadas.” (Coutinho, 2005, p.19).

A passagem adolescente implica a reapropriação egóica do corpo, que se torna ameaçador, pois o eu enfraquece-se devido a modificações corporais impostas pelo real pubertário, convocando as operações simbólicas e imaginárias para o enodamento desse “novo corpo” (Costa, Backes, Rilho & Oliveira, 2004). A atualização é necessária para o adolescente “aceder imaginariamente, além do fálico, a uma relação genitalizada ao outro do Outro sexo” (Rassial, 1997, p.40). Na consistência que os significantes possuem, ao serem inscritos, ocorre a passagem para identificações possíveis.

No estágio do Espelho, a integração da totalidade do corpo viabilizada pela inscrição imaginária e simbólica deste na relação com o outro, “pode ser tomado como a passagem do eu especular para o eu social. Também aí se coloca a balança entre o desejo do outro e os impulsos do eu.” (Costa *et al.*, 2004, p.33) O sujeito, diante de sua imagem, simultaneamente, toma de referência o outro do espelho e as referências contidas no grande Outro, pois o primeiro lhe oferece a imagem especular e o segundo possibilita a aquisição de identificações simbólicas. Concomitante a isso, o adolescente interroga a capacidade do outro familiar realizar essa passagem.

Os efeitos reais do corpo e do sexo invadem a dimensão imaginária, retirando sua dimensão infantil, tendo o simbólico e o imaginário que dar conta do real do sexo e da morte. O ataque sexual vem do real do corpo, podendo ser balizado pelo falo. Por isso, a democratização ao direito ao gozo, a interrogação da diferença sexual, se constituem como problema, na ordem da estrutura. Pois, se a diferença sexual for dissolvida – o que permanece no campo do debate –, o que resta são gozos parciais, estabelecendo uma conjuntura regida pelo “dispositivo de gozo” (Danziato, 2006). Com essa dimensão assimétrica, a posição do sujeito no laço social fica comprometida na sua dimensão desejante.

Na adolescência as interrogações são dirigidas ao outro na tentativa de validar os traços advindos do espelho, pois se num primeiro momento, o terceiro rompe a relação do sujeito com o Outro primordial, na adolescência faz-se necessário essa mesma operação, pois se “o Édipo inclui o pai enquanto terceiro, a adolescência incluirá o outro de outro sexo” (Costa *et al.*, 2004, p.40); esse agora toma papel fundamental para as novas identificações.

O sujeito, na passagem do discurso paterno - que sustenta o laço familiar - para o discurso do mestre no laço social encontra-se na “impossibilidade da completude prometida na infância, o adolescente desconfia, principalmente, dos grandes representantes dos ideais do mundo adulto” (Lima, 2009, p.118). A crise psíquica atravessada pelos adolescentes no cenário contemporâneo tem como principal responsável a ausência de uma sanção simbólica que situe os jovens dentro dos referenciais culturais. O adolescente, estranho aos grupos sociais reconhecidos pelo Outro, permeia entre os aspectos infantis e as exigências da vida adulta, como limite identitário. Por esse caráter é que podem ser verificadas as mutações na relação com a linguagem, assim como as possibilidades de bordejamento do real da morte e do sexo, e da construção da sua posição no laço social. Como diz Melman:

deixar ao sujeito toda a responsabilidade por sua sexuação, por sua implicação na vida sexual, muitas vezes à revelia da ordem social e familiar, é verdadeiramente um traço de nossa cultura, constituída pelo fato de que a ciência esvaziou o céu dos deuses, abolindo o lugar da transcendência como depositária do que falha na ordem do mundo e deixando ao sujeito o encargo de ter que responder por isso com sua subjetividade (Lacan, 1965/1966 & Melman, 2002 citado por Moura, 2005, p.117).

As consequências para o adolescente, portanto, perpassam a questão da identidade sexual, já que deve ser validada pelo Outro. Antes atrelada ao reconhecimento no laço social na sociedade tradicional, a identidade sexual contemporânea sofre os efeitos da hegemonia do discurso do capitalista, que diz respeito aos benefícios de adotar certo modo de sexualidade a

partir da habilidade econômica, afirmando seu desejo enquanto consumidor. Isso pode gerar como consequência uma incapacidade subjetiva de se posicionar na partilha dos sexos e assumir uma identidade sexual. No entanto, esta operação não acontece sem consequências, pois o apagamento dos limites leva ao extremo, numa arriscada proximidade do real da morte (Lebrun, 2008).

Para concluir, devido a este efeito de mal-estar, pode-se pensar nos estados limites como denúncia à falência das referências simbólicas, pois este “é uma resposta adequada a uma incerteza das referências que caracteriza o laço social contemporâneo.” (Rassial, 2000, p.17). As consequências desse processo de incerteza na operação subjetiva podem implicar na ausência de confronto com a imagem paterna, como se o sujeito não tivesse conseguido se inscrever no regime paterno, podendo causar o enfraquecimento social da prevalência do Simbólico.

### Referências Bibliográficas

- ANTELO, M. Os gadgets. *Revista Estudos Lacanianos*, 1(1): 1-16. jan-jul/2008.
- AGANBEM, G. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro. Chapecó: Argos, 2009.
- BUENO, C.M.O. *A Denegação do Mestre: os discursos da dominação e o mal-estar contemporâneo*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- CASTRO, J. E. Considerações sobre a escrita laciana dos discursos. *Ágora*, 12(2): 245-258, jul-dez/2009.
- CLASTRES, G. *A significação do falo e um comentário do “Kant com Sade”*. Salvador: Fator. 1990
- COSTA, A. BACKES, C. RILHO, V. OLIVEIRA, L. F. L. (Orgs.). *Adolescência e Experiências de Borda*. Porto Alegre: editora UFRGS. 2004.
- COUTINHO, L. G. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. *Pulsional Revista de Psicanálise*. 27 (181): 13-19, mar/2005
- DANZIATO, L. J. B. *O Gozo e o poder: sobre a dimensão genealógica do gozo*. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- DANZIATO, L. J. B. As dimensões do corpo e a topologia cultural. *Aletheia*, 29, 129-141, jan-jun/2009
- DANZIATO, L. J. B. O dispositivo de gozo na sociedade do controle. *Psicologia & Sociedade*, 22(3): 430-437, set-dez/2010
- FOUCAULT, M. *A História da Sexualidade I – A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Graal. 1988.
- LACAN, J. *O avesso da psicanálise*. (O Seminário, Livro 17). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1992
- LACAN, J. *As formações do Inconsciente*. (Seminário, Livro 5) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1999
- LACAN, J. (1998/1958). *A Significação do Falo*. In: \_\_ Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 937 p.
- LACAN, J. *De um Outro ao outro*. (Seminário, Livro 16). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.
- LIMA, M.C.P. O declínio do mestre e suas relações com o saber na adolescência: novas reflexões sobre a psicologia do escolar. *Estilos da clínica*, XIV(27): 112-123, jul-dez/2009
- LEBRUN, J-P. *A perversão comum: Viver juntos sem outro*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 2008.

LOPES, R. G. A psicanálise é o que reintroduz o nome-do-pai na consideração científica. *Ágora*, 14(1): 95-111, jan-jul/2011.

MOURA, F. C. Adolescência: efeitos da ciência no campo do sujeito. *Psicologia clínica*, 17(2): 113-125, jun-dez/2005.

RASSIAL, J-J. *A passagem adolescente: da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 1997.

RASSIAL, J-J. *O sujeito em estado limite*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 2000

SAFALTLE, V. P. (2008). Por uma crítica da economia libidinal. *Ide*. 31(46): 16-26. jun/2008

SOUZA, A. *Os discursos na Psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 2003.

ZIZĚK, S. *Visão em Paralaxe*. São Paulo: Boitempo Editorial. 2008.

ZUCCHI, M. A; Santos, T. C. O fantasma e o real: sobre a desigualdade entre os sexos. *Psicologia clínica*, 18(2): 109-123, jun/2006.

**Recebido em: 23/03/2013**

**Aprovado em: 22/09/2013**